

Darcy Ribeiro denuncia a Funai como "tutora infiel"

Foto de Cristina Paranogue



Darcy tentará, no Tribunal Russel, mobilizar a opinião pública mundial em defesa do índio

O antropólogo e ex-Ministro da Educação Darcy Ribeiro afirma que o problema do índio no Brasil se resolve com o cumprimento da lei. Acusando a atual diretoria da Funai de "desastrosa", Darcy Ribeiro não teme pelo desaparecimento do índio ("historicamente, eles sobrevivem"), mas afirmou que está havendo inquietação em todas as aldeias.

Ao explicar por que vai participar como juiz do 4º Tribunal Russel, sobre Crimes Comentado contra os Índios na América Latina, Darcy Ribeiro declarou que a única maneira de defender os índios é apelar para a opinião pública nacional e internacional. Acredita que a Funai é "um mal necessário" e que o índio ainda tem muito a ensinar à atual sociedade moderna.

— Como resolver o problema do índio no Brasil?

— Cumprindo a lei.

A Constituição dá defesa mais ampla possível à terra indígena. (Artº 198). Há restrições legais à propriedade privada, mas não há nenhuma à terra do índio. Não é de hoje que esta terra é defendida legalmente. O primeiro documento da área é de 1680, um alvará do Rei de Portugal: ao conceder uma sesmaria, declara que o faz desde que não existam índios ali e manda reconhecer seus direitos como de terceiros, porque são "os primitivos senhores delas". Portanto, Portugal reconhece uma propriedade indígena como anterior ao direito de conceder do Rei de Portugal. Todas as Constituições posteriores reiteraram este entendimento.

Estes direitos, formalmente tão defendidos, são os mais rompidos porque seus titulares são os mais fracos. Apontados como selvagens, exóticos, preguiçosos, ladrões, violentos, hereges, sujos e incapazes de progresso, têm uma das mais trágicas experiências do mundo que se possa imaginar. Todas as armas, as mais severas, foram usadas contra os índios. Eles sobreviveram. Mas neste momento estão sofrendo muito. Há inquietação em todas as aldeias. O Governo não protege mais, persegue.

— Por quê?

A atual diretoria da Funai é desastrosa. Examinando-se o parecer mandado ao Congresso pela Funai, percebe-se que um grupo de ex-coronéis afastados do SNI assaltou a Funai. Sem formação filosófica ou científica, estes senhores se julgam tão competentes que estão demitindo os poucos indígenas e antropólogos da Funai, que têm experiência e conhecimento. Ao contrário de Rondon, que era humanista de formação positivista e percebia a complexidade do problema indígena, esses coronéis, aposentados, são os últimos seres do mundo a achar que podem obrigar os índios a se integrar rapidinho na sociedade nacional. A pergunta deles é esta: se o Giesel, filho de alemães, é brasileiro porque o índio não é?

Por que o Código Civil brasileiro os vê como relativamente incapazes?

— Clóvis Bevilacqua, autor do Código, reuniu-se com Rondon para classificar o índio em alguma categoria. Era difícil ao jurista dizer que "índio é índio, é outro povo, gente com história outra que deve ser respeitada como tal, com direitos próprios". O Código assimilou o índio à mu-

lher casada de então, ao débil mental, ao menor. Pessoas que exigem do Estado um amparo oficial, um tutor. Nunca Bevilacqua imaginou que a tutela pudesse ser usada contra os índios.

Em Mato Grosso, encontrei agora uma carteira de identidade para índios. Qualquer dia vão querer marcar a fogo, como escravos. É curioso que negam ao índio, através de manobras escusas, a carteira do trabalho, o direito ao INPS. De um lado, querem emancipar, a toque de caixa; de outro, querem guardar.

Qualquer brasileiro que tem terra, a explora como quiser. Índio não. A Funai explora a terra do índio e o resultado vai para os seus cofres. Veja os caduê de Mato Grosso. A Funai arrendou suas terras para os fazendeiros e agora, para retirá-los, o problema é sério. Ao lado desta área, de 300 mil hectares, o Walter Moreira Sales ou o Rockefeller tinham área de 600 mil hectares, vendida recentemente. Ninguém achava ruim Rockefeller criar gado em áreas maiores que a indígena, mas muitos acham um absurdo área de 300 mil hectares para mil caduê. Então mil índios não têm direito de ter o que o Sr Rockefeller tem?

Inúmeros interesses se cruzam, não digo que sejam falhas de todos ou da maioria de funcionários da Funai, mas a entidade precisa fazer uma prestação de contas pública e plena. Veja os arara do Paraná. A Funai deu declaração negativa de suas terras para uma cooperativa poder se instalar lá. Os arara foram perseguidos até serem retirados de sua terra. Saíram cheios de enfermidades nos olhos, morrendo. Imagine o drama de um novo cego, perseguido em suas terras, vítima de uma declaração falsa de um tutor infiel.

Os casos dolorosos se sucedem. Os nambiquara, estudados por Roquette Pinto e Lévi-Strauss, são conhecidos hoje como os blafrá do Brasil. Enfrentaram cães, laços, Winchesters, metralhadoras, napalm, arsênico, roupas contaminadas com varíola, mentirosas certidões negativas, transferências, deportações, estrada, cercas, fogo, capim, boi, os decretos de direito e suas anulações de fato. Outro caso do Paraná: Manguelrinha é uma reserva grande de cangangue com uma área de pinheiros que é a última concentração de araucária do mundo. Antigamente eram florestas imensas, hoje só há um pinheiral, não muito grande, mas preservado graças aos índios, que vivem lá há mais de 10 mil anos. A terra é deles. Pois o Governo a entregou a um madeireiro, Slavieiro, que quer derrubar os pinheiros e as madeiras de lei que lá estão. Os índios se rebelaram, surgiu uma liderança com Cretá, morto num suspenso acidente de automóvel. O Papa citou o índio Cretá na missa de Manaus, entre outros assassinados no Brasil nos últimos anos.

Que significa o índio para o Brasil de hoje?

— Somos 120 milhões, os índios não chegam a 200 mil. Estes são resíduos de um peneiramento tremendo e, salvo uns poucos grupos isolados como os Ianomami, a maior parte se acultura. Suceda o que suceder com os índios, não afetará o destino nacional. Afetaram no princípio. O

Entrevista a Danusia Barbara

Brasil foi feito com o corpo da mulher índia, nós somos feitos de índio.

O processo histórico do Brasil é que o destruidor do índio é filho do índio. Esses poucos índios que existem não são obstáculos a nada: na Amazônia, precisam de menos terra que o Ludwig.

Há também histórias bonitas. A criação do Parque Xingu, que além de abrigar os índios permitiria ao brasileiro, no futuro, ter uma visão da floresta original, enquanto todo o Brasil é queimado. Os índios do Xingu pertencem a várias tribos, falam línguas diferentes, mas com a cultura homogeneizada. São o único caso no mundo de tribos diferentes que substituíram a guerra pelo esporte: fizeram uma liga das nações, substituíram a tensão guerreira pela esportiva. Essa reserva tornou o contato mais difícil, permitiu que cidades não chegassem ali de imediato, permitiu ao índio preservar costumes, mudar mais lentamente.

Outra história bonita é das freirinhas que foram viver com os tapirapés. Restauraram seus costumes, a confiança no pajé, antes tão perseguido pelos missionários. Hoje os tapirapés estão de moral levantada, totalmente opostos do índio catequizado, cachaceiro ou desmoralizado. Nos dois casos, uma proteção oficial adequada ou uma atuação nova da Igreja, fica claro como uma atitude de solidariedade humana permite aos índios sobreviver melhor.

Há dois conceitos importantes em questão. Genocídio e etnocídio. Genocídio em sentido geral é qualquer coisa que tire de um grupo as condições de sobrevivência física, biológica. De dar um tiro no peito a tirar terras. Atitude etnocida é qualquer atitude contrária à sobrevivência cultural, à existência como um povo, com costumes próprios.

— Por que apelar ao Tribunal Russel?

— A única coisa que defende os índios é a opinião pública, nacional e internacional. É a forma de pressionar. Fui convidado, aceitei participar como juiz. O Tribunal Bertrand Russel se fixou no mundo como o grande foro ético, não tem poderes contra Governo nenhum. Ali se defendem interesses humanos, a imprensa e a opinião pública repercutem. O Brasil poderia, por exemplo, fechar as fronteiras e matar todos os índios; mas a vergonha seria total. Instalado na Holanda, deverá durar um ano. Os membros serão os escritores Gabriel Garcia Marquez e Edjardo Galeano; os antropólogos Bonfil Bataglia, Robert Jaulin, eu e outros. Historicamente, a arma dos índios é a opinião pública.

— Problemas até hoje não resolvidos?

— A Funai, ainda que um mal, é um mal necessário. Os índios não sobreviveriam sem ela. O que é preciso é lhe dar uma diretoria competente. E cobrar a demarcação das terras indígenas, que deveria ter ficado pronta em 1976; cobrar que se cumpra a lei; cobrar uma tutela fiel da Funai. Toda atitude da Funai dos últimos meses é impedir que líderes como Juruna criem uma união dos índios. Mas, reconhecida ou não pela Funai, ela vai existir.